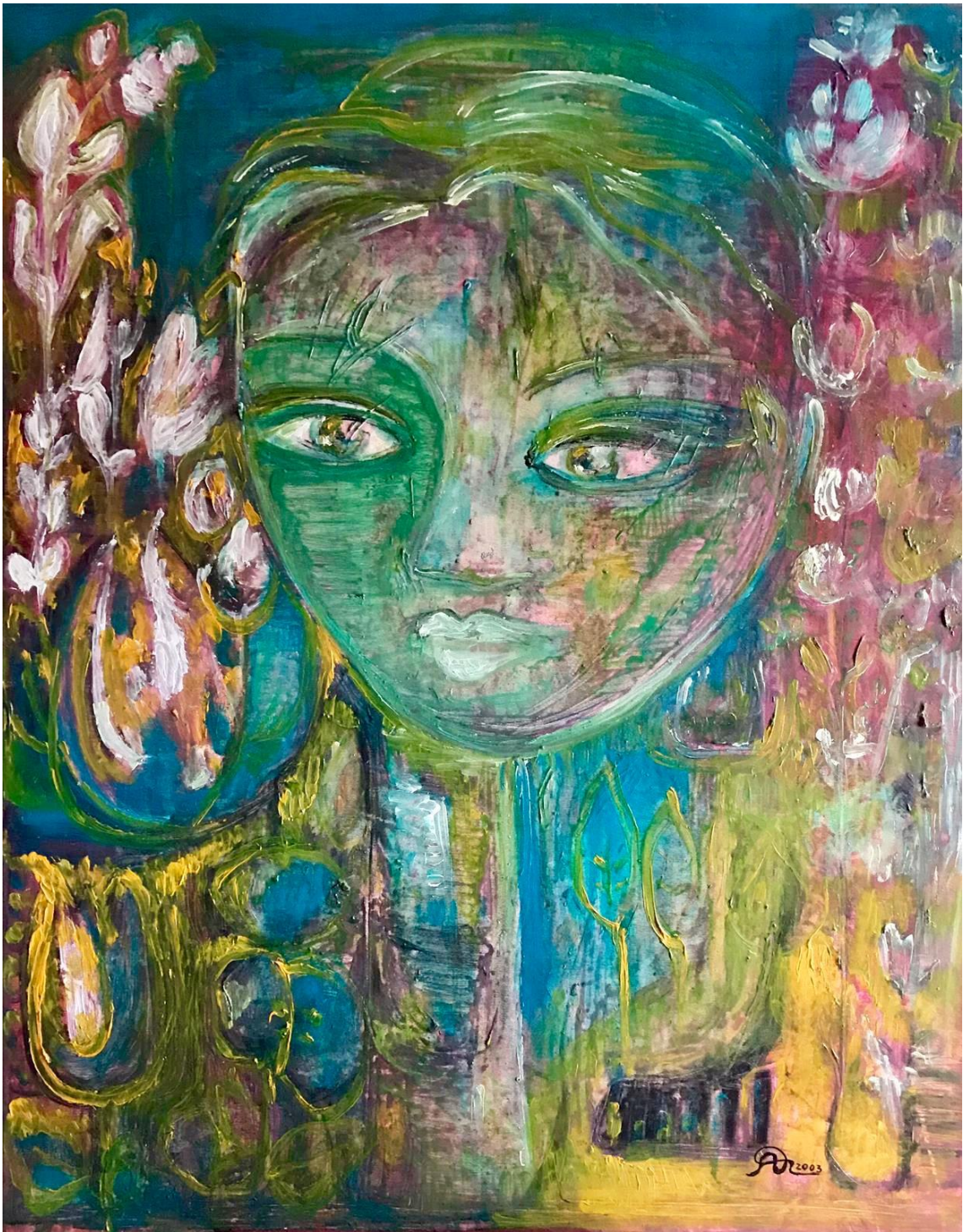


A SEREIA





Óleo s/ tela 92 x 73 cm – 2003



Brandamente, a Sereia acordou. Era bom viver nas profundezas, onde as cores difusas mudavam a cada instante e onde o enorme recife de coral lhe garantia nichos de conforto.

Acordada, passeou o olhar por esse espaço onde poucos humanos se atreveriam a penetrar. Tudo lá estava como na noite anterior (noite e dia, aliás, confundiam-se) e como constantemente lhe surgia nos sonhos.

Era sobretudo deles que a Sereia retirava com que alimentar a sua ânsia de vida. O mundo em que vivia assemelhava-se, aos seus olhos doces, ao mundo dos sonhos que a embalavam. Ou seria ao contrário? Ela só se sabia íntima desse lugar misterioso, no qual o próprio tempo parecia, por vezes, querer suspender-se, como que abandonado à sua sorte, já que nenhum homem visitava aquele sítio.

A Sereia, animada pelos sons do quase silêncio à sua volta, pôs-se a imaginar, para lá da sua aparente solidão, todos esses ninguéns que partiam e chegavam a cada passo. Seria assim tão diferente deles, daqueles que viviam perto do céu e das estrelas, que sentiam o vento, a chuva, o sol, que percorriam caminhos distantes?

Insondáveis são os desígnios da Criação. Porém, e apesar dessa crescente nostalgia de algo que mal lhe era dado conhecer, nas suas veias circulava a seiva ardente de quem anseia por mais do que a vida que conhece. Nesses momentos, era como se a alma acordasse para uma outra contemplação, seguindo o apelo de uma voz maravilhosa e cálida.

A essência do perfume do fundo do mar invadiu-lhe os sentidos e a Sereia pôs-se à escuta.

Era o momento que precedia o encontro feliz que acontecia uma vez no ano, no equinócio da Primavera. O recife costumava abrir-se e os seus habitantes vinham cumprimentá-la, apreciadores, e perguntar-lhe que planos tinha para o dia. A Sereia gostava de atenção. A melancolia que dela sempre se apossava ao acordar, acabava por se ir transformando em placidez e os seus grandes olhos contemplativos tornavam-se ainda mais claros.

Colares do mais fino rendilhado, gargantilhas, braceletes e pulseiras talhadas por artistas dedicados, flores lindas criadas a pensar na bela e farta cabeleira de oiro da Sereia eram-lhe oferecidos com delicadeza.

O recife, ao contrário do que é comum, não era de coral rosado, mas de um azul esverdeado, o que o tornava raro e, naturalmente, cobiçado, se fosse descoberto.

O encantamento acontecia num espaço emocionado de lembranças suaves que mantinham a Sereia alheada daquela sensação inquieta que lhe

pertencia: é que, no fundo de si mesma, sentia que uma parte do seu ser continuava por preencher. Era o amor que ela gostaria de abraçar, mas não sabia onde encontrar; era o amor, a grande esperança do seu coração, era o que, forçosamente, existiria no misterioso reino do outro lado do oceano. Todos os dias a sua alma se punha à escuta, mas a vastidão era grande demais para que pudesse apreender todas as mensagens que os sons lhe traziam.

Entre colares e flores, a Sereia ia imaginando o beijo que prometia a si mesma fazer prolongar para além de um momento, mesmo que fugaz, quando acontecesse.

As luzes constelavam a noite, suspensas sobre a quietude das águas. Os sons voavam, espantados pelo vento, por vezes entre brumas. Tudo prenunciava uma noite mais, mas o acaso, ou talvez não, tudo mudou, apenas porque alguém descobriu o recife.

Um mergulhador perdido acabou por dar com ele.

Foi tal o encantamento, que logo se lhe varreram do pensamento as preocupações várias que a difícil situação em que se encontrava lhe trazia. Que beleza, que paz, que mundo fascinante, que seres extraordinários, que misteriosa essa luz no fundo do mar!

Inconscientemente foi-se aproximando mais e mais, como quem não resiste a uma atracção poderosa.

Ah! Mas eis que avista uma criatura como nunca imaginara poder existir.

Lentamente, a Sereia olhou, e naquela figura estranha, igual a coisa nunca vista ou imaginada, fixou os seus enormes olhos de água.

O mergulhador aproximou-se e a Sereia, porque tudo nela o buscava, estendeu a mão para o tocar. Correspondendo ao convite, ele ofereceu-lhe, por sua vez, a mão.

Mas foram os olhos, mais do que as mãos, que os prenderam um ao outro. Celebrando, como se em júbilo cantasse um hino, a Sereia entregou-se ao sabor do momento pelo qual há tanto tempo ansiava...

P. S. O fundo do mar, a sereia e o mergulhador, com Sophia por perto. Sempre...